

## AMEAÇA E RESISTÊNCIA NO DISCURSO DE SALA DE AULA<sup>1</sup>

*Barbara Cabral Vieira de Andrade*

“Na sala de aula, quem manda é o professor”. Culturalmente essa tem sido a crença de muitos em nossa sociedade. Várias vezes ouvimos essa afirmação, seja da boca de alunos, seja de pais de alunos, de colegas professores, de diretores, de coordenadores, em “reuniões pedagógicas” (nas quais a pauta quase sempre se centra nas decisões a serem tomadas no sentido de “dar um jeito” nos alunos “problemáticos” – os que não se comportam bem em sala e os que têm notas baixas). Convencionou-se que o professor é aquele que sabe, ensina, fala, decide, ou seja, o ser que domina na relação professor-aluno; enquanto este último é aquele que nada sabe, mas que precisa aprender e deve permanecer calado e bem comportado, obedecendo ao seu mestre. Em outras palavras, aos professores é dado o poder, o direito de controlar o comportamento dos alunos, e a estes é atribuída a tarefa de obedecer. Muitos professores, quer percebam, quer não, assumem esse papel e tentam se manter nele, utilizando-se de vários recursos para controlar seus alunos e manter a disciplina durante suas aulas. Em nosso dia-a-dia nas escolas, podemos constatar que diversas atitudes autenticamente pedagógicas, como enviar comunicados aos pais, fazer avaliações-surpresas, chamadas orais, dentre outras, têm-se transformado em ferramentas de ameaça, além das já conhecidas e institucionalizadas expulsões de sala de aula, punições com perda de pontos, tentativa de manter as carteiras sempre em filas paralelas, para evitar que os alunos conversem, etc.

Essa crença bastante popular de que o professor é quem manda parece estar presente na ação tanto de professores quanto de alunos e parece ter sido aceita por muitos, em nossa sociedade, como sendo verdadeira. Isso foi o que nos motivou a fazer alguns questionamentos e, por conseguinte, desenvolver esta pesquisa. Primeiramente, se o professor é quem manda na sala de aula, isso implica dizer que alguém obedece, papel que resta aos alunos. Porém, o que dizer quando eles não obedecem? Quem manda? Onde está o poder? Perdido?

Ao observarmos melhor o acontecimento em sala de aula, começamos a pensar que, assim como os professores possuem alguns recursos para controlar os alunos, esses desenvolvem mecanismos para driblar tal controle. Como demonstram pesquisas realizadas nesse espaço, dentre as quais as desenvolvidas por Smolka (1991), Coracini (1995) e Sousa (2002), os papéis de *dominante* e *dominado* não são, realmente, fixos, mas vão se modificando através de uma negociação, de uma construção das relações entre professores e alunos, como num jogo estratégico, no qual eles tentam manipular uns aos outros para conseguir o que querem: os professores querem controlar a turma e, para isso, usam a nota; já os alunos querem a nota e, para consegui-la, convencem o professor do “bom comportamento” deles.

Além disso, através de nossas leituras, uma outra concepção de poder, diferente daquela visão negativa que tínhamos anteriormente, tem sido contemplada: a de poder como construção, um poder que não pode ser possuído, e sim praticado, exercido; um poder compartilhado, não presente em uma única pessoa, mas que circula em todas as relações entre os indivíduos (Cf. FOUCAULT, 2002a e 2002b). Como diz Manke (1997, p. 1),

---

<sup>1</sup> O presente artigo é, originalmente, parte integrante da dissertação *As Relações de Poder no Discurso de Sala de Aula* defendida e aprovada em março de 2004 na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Power is a structure of relationships – a structure in which teachers and students can build and participate. Power is not an object and cannot be owned by anyone. The structure of relationships is called power because it, rather than the individuals who create it, is what shapes people's actions.<sup>2</sup>

Essa nova concepção de poder como relação nos leva a questionar a afirmação de que o professor é quem manda, pois, onde estaria a relação, já que o professor age, manda, e o aluno é um ser passivo que o atende sem resistência?

Por último, se o professor é quem manda em sala de aula, e o aluno apenas lhe obedece, isso implica dizer que tal docente é o único responsável pelo que acontece em sala de aula, pelo que é feito ou não, pelo que é ensinado ou não e pela maneira como é feito, o que, a nosso ver, não é válido, pois, temos visto, em nosso dia-a-dia, como os alunos também têm sua parcela de participação (e que participação!) em tudo o que acontece em sala de aula.

Baseadas nas hipóteses de que, na relação professor-aluno, as posições de dominante e dominado não estão predeterminadas, de que tanto professores quanto alunos utilizam estratégias para influenciar e controlar o comportamento dos outros, assim como para resistir e fugir desse poder, pretendemos, com este trabalho, verificar como nessas relações, professores e alunos se revezam nas posições de dominante e dominado, assim como discutir acerca de algumas estratégias por eles utilizadas, principalmente no que diz respeito à ameaça e a resistência a esta.

Uma das estratégias utilizadas pelas professoras para manter a disciplina em sala de aula é a ameaça, que pode aparecer de maneira direta ou indireta, sendo, de uma ou de outra maneira, entendida pelos alunos. Em vários momentos das aulas gravadas, vemos situações em que os alunos estão conversando muito, gritando, andando e são ameaçados pelas professoras. Essa ameaça geralmente envolve nota, porém, as professoras também recorrem a outros meios como, por exemplo, mandá-los para a coordenação, deixá-los sem intervalo, não fazer uma atividade que eles gostam (como brincadeiras, passar uma música, etc), mudar a sua atitude de “amiga” dos alunos e passar a agir como uma “professora ruim”, etc.

Apresentaremos a seguir um exemplo típico de ameaça. Os recortes apresentados foram retirados de duas aulas de inglês, gravadas na 8ª série do ensino fundamental em uma escola particular localizada na cidade de João Pessoa. Na primeira aula gravada, os alunos perguntam a professora se ela havia visto as notas do simulado que eles fizeram. O simulado, que consta de questões apenas objetivas englobando todas as matérias que eles estudam, não é corrigido pela professora. Ela elabora as questões e junto com as mesmas entrega à coordenação um gabarito com as respostas corretas e os funcionários da escola corrigem e afixam uma lista com as notas nos quadros de aviso que se encontram nos corredores. Os alunos já sabiam suas notas, então, qual seria o objetivo deles ao perguntar sobre elas à professora? Vejamos abaixo.

(1)

*((A professora passa um exercício para fazer na sala. Uns três alunos tentam responder o exercício, os outros não o fazem e conversam))*

*L1P2: ((em tom irritado)) vamo ge::nte?!*

*L2A1: ((rindo)) Professora / a senhora viu as notas? ((O aluno se referia ao simulado. Os demais alunos ficam quietos para ouvir o que a professora tem a dizer. Ela faz*

<sup>2</sup> O poder é uma estrutura de relações – uma estrutura na qual professores e alunos podem construir e participar. O poder não é um objeto e não pode ser possuído por ninguém. A estrutura de relações é chamada de poder, porque é ela, e não os indivíduos que a criam, que molda as ações das pessoas. (Tradução nossa)

*uma cara de descontentamento e eles começam a gritar, já que todos os alunos da turma tiraram notas boas))*

L6P2: *ó (+) o simulado de vocês*

L7A1: *((gritando)) aí:::~::~:*

L8A2: *((gritando)) pode sair? ((aluna levanta e se dirige a porta da sala))*

L9P2: *((reclamando)) Carol! (+) ó / [o simulado*

L10A2: *((gritando)) [olha ai [eles conversando!*

L11A3: *((reclamando)) [deixa eu beber água professora! ((Por algum tempo não se escuta mais a voz da professora, apenas a dos alunos que gritam e conversam. Um dos alunos fica assobiando))*

L14 A3: *professora (++) tão me chamando aqui ((se dirigindo à porta))*

L15A5: *((grita)) ((inc))*

L16A6: *((gritando))[professora!*

L17A4: *((gritando))[se ele sair eu saio também!*

L18P2: *((gritando)) ó!/ ((alunos gritando)) quem quiser escutar escuta!*

L19A1: *e quem não quiser? ((alunos riem))*

L20P2: *o simulado de vocês [ ((inc)) ((alunos gritando))*

L21A4: *((grita)) [e quem não quiser?*

L22P2: *o simu / o simulado de vocês*

A primeira vista, poderíamos pensar que o intuito do aluno com a pergunta (L2) era ouvir algum comentário da professora sobre a prova e as notas. Porém, como podemos observar no decorrer da aula, esse não é o seu propósito e nem o dos colegas. No final desse recorte, quando a professora se irrita porque os alunos não a escutam e reclama “quem quiser escutar escuta!” (L18), um dos alunos responde com a pergunta “e quem não quiser?” (L19) que logo é repetida por um colega (L21). A professora, na verdade, na estava dando uma opção ao alunos. Ela estava chamando a atenção deles, mandando que eles escutassem o que estava a dizer. Por outro lado, a pergunta feita pelos alunos não indica que eles não entenderam a sua ordem, mas mostra claramente que eles não estão dispostos a ouvir o que ela tem a dizer e, por isso mesmo, gritam e pulam pela sala de aula impedindo que ela continue a falar. Para nós que estávamos assistindo a aula, parecia que eles debochavam da professora, mas, nesse primeiro momento, não era possível entender o porquê. No entanto, o recorte a seguir, que se dá após vários minutos de comemoração, no qual dificilmente conseguimos entender o que os alunos e a professora dizem, nos indica uma direção.

(2)

*((os alunos estão gritando e pulando pela sala. Não é possível entender o que a professora fala, mas, sabemos que ela está falando sobre o past perfect – assunto abordado no simulado – pois ela está escrevendo no quadro.))*

L1A4: *((gritando)) o japonês puxando o cabelo de Raiane aí / tá:::~::~:*

L2A3: *((grita)) tá:::~::~:*

L3P2: *((em tom irritado)) depois vem reclamar que tem ponto errado na conta da prova!*

L4A7: *professora ((inc)) ((alunos rindo e gritando))*

L5P2: *bora pessoal! ((inc)) qual é a fórmula?*

L6A4: *é o que?*

L7P2: *qual é a fórmula aqui em cima? ((alunos continuam a gritar e um fica assobiando)) eu vou dizer viu? (++) muita gente tirou dez sem merecer (+) mas é porque era no simulado (++) eu não pude fazer nada porque era no simulado (+) mas eu sei que vocês filaram*

*L10A1: ((gritando)) e a qualitativa?*

*L11P2: ((em tom ameaçador)) a:::h (+) a qualitativa é surpresa (++) vocês sabem que eu adoro dar qualitativa surpresa / né?*

*L13A4: tá ameaçando!*

*L14A3: [professori:::nha*

*L15P2: [é (+) isso mesmo / tô ameaçando (++) vamo continuar aqui gente (+) o verbo no passado... ((alguns alunos fazem silêncio e sentam))*

*L17A7: o verbo*

No recorte acima entendemos o porquê dos alunos estarem comemorando tanto: todos tiraram notas boas no simulado. Era isso que eles queriam mostrar à professora quando fizeram aquela primeira pergunta “a senhora viu as notas?”. Os alunos, através do seu comportamento, dizem a professora que não lhes interessa assistir as suas aulas, prestar atenção, comportar-se, porque todos eles, no fim, tiram notas boas. A nota boa funciona como uma desculpa para mostrar que eles não precisam fazer os exercícios e nem se preocupar em anotar as respostas. Eles riem, deboçam da professora e querem sair da sala de aula. A professora, por sua vez, com sua resposta (L7-L9) demonstra que entendeu o que os alunos queriam lhe dizer e afirma a sua incapacidade de interferir na nota do simulado que não depende dela. Ao mesmo tempo, quando diz “eu não pude fazer nada porque era no simulado” (L9), ela já indica que naquela nota ela não podia mexer, mas que eles tomassem cuidado porque ainda havia outros meios de avaliação nos quais ela poderia intervir. Um dos alunos imediatamente lembra da nota qualitativa (L10) - nota que é atribuída pelo professor da disciplina a cada aluno, levando em consideração seu comportamento e participação em sala de aula, assim como o cumprimento das atividades requisitadas. É nesse momento que se revela a tensão criada entre professora e alunos. Ela agora apresenta o seu instrumento de ameaça (L11-12), prontamente reconhecido pelo aluno (L14).

É interessante notar que o que vemos acontecer em sala de aula é uma inversão do papel da chamada nota qualitativa. Ela, que foi criada para proporcionar ao aluno uma avaliação mais justa, que levasse em consideração não apenas a nota do exame escrito como feito há alguns anos atrás<sup>3</sup>, mas o aprendizado geral dele, agora é mostrada como um instrumento utilizado pelo professor para “chantagear” ou até mesmo se “vingar” dos alunos que lhe perturbam e ao mesmo tempo premiar aqueles que lhe são simpáticos, ficam em silêncio em suas aulas e lhe obedecem. A nota, que deveria levar em consideração o aprendizado contínuo do aluno, passa a ser atribuída diante de uma situação de mau comportamento ou resistência aos comandos da professora. Parece-nos que se um aluno que por várias aulas vem tendo um bom comportamento, fazendo as atividades, demonstrando entender o assunto dado, durante uma aula apenas se comporte mal, converse ou não obedeça à professora, ele poderá passar a ter uma avaliação negativa. Isso faria com que a nota qualitativa se tornasse injusta e sem propósito, pois seria levado em conta um único momento do aprendizado (assim como no exame escrito).

Nos momentos seguintes da aula, vemos que a ameaça feita pela professora tem efeito instantâneo. A partir da linha 14, já podemos ver os alunos mostrando-se mais quietos e até certo ponto mais “amigáveis”. Em sua maioria eles ficam calados e sentam em suas carteiras. O jogo se inverte: se nos momentos anteriores os alunos estavam “ganhando”, a partir desse momento vemos que a professora passa a dominar a situação. Mesmo que os alunos não

<sup>3</sup> Sabemos que num exame escrito o aluno é submetido a uma avaliação feita em dia e hora determinado e, mesmo um aluno que tenha estudado bastante pode, no dia da prova, sentir-se muito nervoso ou ter algum outro problema que o levará a não obter um bom desempenho. Ao mesmo tempo, um aluno que não se preparou para a prova, através do uso de filas, pode conseguir uma boa nota.

prestem atenção (que é o que acontece com muitos que sentam e ficam recostados nas carteiras praticamente dormindo), ela consegue falar e ser escutada por eles.

É importante verificar que não é pouco comum encontrarmos situações como a anterior, em que a nota qualitativa proporciona à professora um poder de barganha – ou você fica quieto ou terá uma nota baixa. Na aula seguinte, a professora, verificando que a sua estratégia havia funcionado, lembra aos alunos do que eles podem perder se não lhe obedecerem. O recorte abaixo apresenta o momento inicial da aula no qual a professora está corrigindo os exercícios do livro. Enquanto ela anota as respostas no quadro, os alunos estão conversando, gritando, alguns andam pela sala. A maioria dos alunos não havia respondido, por isso somente poucos conferiam as respostas em seus livros. Dentre os que não haviam respondido, poucos copiavam as respostas.

(3)

L1P2: *Vou fazer terrorismo com vocês (+) a nota qualitativa de vocês não tá fechada ainda não*

L3A1: *[o que?*

L4A2: *[congratulations!*

L5A3: *[alguém tirou dez? ((Os alunos começam a gritar coisas diferentes. Não dá para entender tudo o que dizem.))*

L7P2: *Vou fazer terrorismo com vocês (+) a nota qualitativa não tá fechada (+) tá de grafite*

L8A4: *aê professora!*

L9A3: *quem tirou dez hein?*

L10A5: *o que professora?*

L11A3: *Pedro dez (+)[ Carol dez (+) José dez (+) [Sara dez (+) Milton dez*

L12A1: *[fecha de que horas?*

L13P2: *[lá pra nove horas*

L14A1: *eita!*

L15A6: *tá::::: nove horas?!*

L16A7: *professo::ra*

L17A8: *cala a boca aí (+) cala a boca aí*

L18P2: *olha só / olha só (+) ((alguns alunos continuam conversando. A maioria fica calada)) o número sete / o número sete / tem o resumo (+) olha só / eu sei que faz mu::::ito tempo atrás / na aula passada (+) mas / certo? (+) se a gente conta sem usar medidas (++) ((alunos conversando)) olha só (++) esse quadro aqui ele resume o que a gente estudou na aula passada (++) ((os alunos começam a gritar e andar pela sala)) vocês hoje tão atacados hein?!*

L23A9: *olha as duas aí ó!*

L24A1: *ê:::::::::: ((alunos gritando e conversando))*

L25P2: *vamo lá (++) ((alunos não param)) na página ((inc)) tem um quadrinho singular e plural ó (+) olha (++) onde tem o plural vai significar que ((inc)) ((aluna grita)) se vocês lerem o enunciado tem assim (+) a ÚNICA frase (+) Silvia:: (+) vamo lá? (+) a única frase (+) qual é a única frase que está errada?*

L29A10: *a d?*

L30P2: *hã? (++) a letra c (+) olha só / a quantidade descrita por very few e very little é MAIOR do que a descrita por few e little (+) tá errado*

L32A10: *tá errado?*

L33P2: *tá errado*

L34A10: *por que?*

L35P2: *é a letra c que tá errado (+) corrija a frase*

*L36A10: vai ser a:::::*

*L37P2: corrija (+) essa frase não tá errada?*

*L38A10: [tá*

*L39A11: [hã?*

*L40P2: como é que eu posso tornar ela verdadeira?*

*L41A10: ((inc))*

*L42A1: professora (+) a senhora disse que vai fechar a qualitativa de que horas hein?*

*L43P2: nove horas (++) ((olha para o relógio)) mas eu me arrependi (+) só vou fechar de nove e meia*

*L45A1: eita! ((alunos gritam))*

*L46A6: eita! / só de nove e me:::ia ((alunos riem))*

*L47P2: ((inc)) como é que eu faço pra tornar essa frase verdade:::ira? (+) minha gente::: (++) ((os alunos continuam sem responder)) olha só / onde tem maior vai ser menor (+) tá vendo? (++) oito*

*L50A10: perai professora! ((vários alunos pegam os cadernos e começam a copiar))*

No momento em que a professora começa sua fala (L1), dizendo “Vou fazer terrorismo com vocês”, ela mesma já assume a sua atitude de ameaça, ela admite que quer causar medo nos alunos para desse modo fazer com que eles se comportem. Enquanto a maioria dos alunos responde à ameaça da professora, outros não o fazem e continuam a conversar. Dentre os que ficaram quietos, alguns começam a agir como ajudantes da professora, tentando controlar os colegas (L17) ou até mesmo apontando os que estão atrapalhando para que a professora os possa ver (L23). Um outro aluno, A10, para garantir sua boa nota começa a falar, responder tudo o que a professora pergunta sem sequer olhar para o livro, o que nos leva a crer que ele mesmo não tinha as respostas no seu livro. Toda vez que a professora pergunta, ele responde errado (L29), fala qualquer coisa (L32, L36, L38, L41) ou pega o lápis e o caderno e começa a copiar (L50). O que é importante para esse aluno não é se ele está entendendo ou não o assunto, respondendo ou não corretamente, mas sim, falar, ser visto pela professora, mostrar-se interessado e participando da aula, para “ganhar” a nota qualitativa.

Ao mesmo tempo em que vemos alunos quietos e outros tentando participar da aula, alguns continuam conversando, rindo, brincando, inclusive, passando a contra-atacar a professora, a usar a ironia (L42, L45 e L46) como um instrumento de resistência ao que ela quer fazê-los sentir: medo. Eles demonstram não estarem nem um pouco preocupados com a nota qualitativa com a qual ela os ameaça. Quando a professora termina de dizer que a nota não está fechada ainda, A3 pergunta “alguém tirou dez?” (L5) e continua perguntando (L9) como se a professora na verdade tivesse dito que as notas já haviam sido colocadas. Na linha 11, a própria aluna (A3) começa a dar as notas dos alunos. Para A3, todos os alunos tiraram dez, e ela diz isso em tom debochado, rindo. No final dessa mesma aula vemos que essa aluna tinha realmente razão de estar rindo, pois a professora deu as notas dos alunos (que por sinal já estavam na caderneta) e dos trinta e três alunos, com exceção de sete cujas notas ficaram abaixo da média, e de um aluno (que havia faltado a todas as aulas do bimestre e não havia feito as provas de nenhuma disciplina) que ficou com zero, os demais ficaram com notas acima da média, tendo quinze deles tirado notas dentro do intervalo de oito a dez.

Outro aspecto importante a ser observado é que a aula gravada é a segunda do dia, começando às 8:40 e terminando às 9:30, quando então os alunos têm um intervalo. Com a afirmativa de que as notas não estavam fechadas, um dos alunos (L12) logo pergunta “fecha de que horas?” obtendo como resposta “lá pras nove horas”. Os alunos notam então que eles terão que ficar quietos praticamente a aula inteira (L14, L15 e L16). Só que eles não fazem isso, pelo contrário, eles provocam a professora durante toda o recorte perguntando sobre as

notas, conversando, rindo, perguntando de que horas ela iria “fechar” as notas. Na verdade, a ameaça feita pela professora parece não surtir efeito nesses alunos que demonstram não se incomodar com o que a professora diz. Na linha 42, o mesmo aluno que queria saber a hora que as notas seriam colocadas, vendo que já era quase nove horas da manhã, confirma o horário dito pela professora mostrando que o tempo já estava quase acabando, ou seja, a partir dali eles já podiam conversar, andar, gritar e brincar porque a nota já não seria modificada. A professora, porém, ao verificar que a hora que havia dito já estava se aproximando e entender o recado que o aluno estava lhe dando com aquela pergunta, indica (L43) que eles deveriam ficar quietos até nove e meia, ou seja, horário em que a aula termina. Ao final da correção dos exercícios, ela pega a caderneta da turma, começa a dizer as notas e nos cinco últimos minutos da aula os alunos estão comemorando.

Após ouvir as gravações das aulas e verificar os exemplos acima, o que podemos concluir sobre a ameaça utilizada em sala de aula? Primeiramente, que o seu uso constitui-se numa estratégia de dominação. Quando a professora ameaça os alunos, ela está tentando controlar o comportamento deles. As causas que levam ao uso da ameaça são as conversas paralelas, os gritos dos alunos, a não realização do exercício, não participação na aula, em suma, o mau comportamento. A ameaça causa o medo e é através desse medo que a professora tenta levar os alunos a se comportarem, a obedecerem. Porém, devemos lembrar que o discurso ao mesmo tempo que pode ser instrumento de poder também é ponto de partida para uma estratégia oposta (Cf: GORE, 1994, p. 15) ou como diz Foucault (apud MARSHALL, 1994, p. 29), onde o poder existe, também existe a possibilidade de resistência, e é essa resistência que vimos estar presente na sala de aula. Embora a ameaça leve muitos alunos a ficarem amedrontados, o que notamos é que, mais do que o medo, ela produz uma certa revolta. Quando ameaçados, os alunos demonstram não estarem satisfeitos com aquela situação e, como resultado, cria-se um clima de inimizade em sala de aula. Mesmo os alunos que cedem aos “pedidos” da professora demonstram um certo desprazer em fazê-lo.

É interessante notar que a ameaça é uma promessa de castigo, de privação de algo que é importante para alguém – na situação específica por nós analisada, de pontos, do intervalo, etc – podendo concretizar-se ou não. De acordo com as gravações que fizemos, podemos dizer que dificilmente as ameaças feitas pelas professoras se concretizam. Encontramos situações em que a professora diz a um aluno que se ele gritar ele vai ser expulso de sala, porém quando ele o faz, ela mais uma vez o ameaça e cada vez que ele repete o grito, ela também repete sua ameaça. Os alunos, ao atentarem para essa não-concretização das ameaças das professoras, passam a fazer justamente o que elas pedem que eles não façam. A ameaça torna-se uma piada. A partir do momento em que ela não tem consequência alguma, o efeito que ela causa é o riso e a ironia e com isso uma consequente desautorização das professoras.

## REFERÊNCIAS

- CORACINI, M. J. R. F. A Aula de Línguas e as Formas de Silenciamento. In: CORACINI, M. J. (org.). **O jogo Discursivo na Aula de Leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002b.
- GORE, J. M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T. T. da (org). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MANKE, M. Ph. **Classroom Power Relations: understanding student-teacher-interaction**. United States of America: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1997.
- MARSHALL, J. Governamentalidade e Educação Liberal. In: SILVA, T. T. da (org). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SMOLKA, A. L. B. A prática discursiva na sala de aula: uma perspectiva teórica e um esboço de análise. In: **Cadernos Cedes. Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética**. São Paulo: Papirus, CEDES, 1991, nº 24.
- SOUSA, M.E.V. Discurso Pedagógico e Discurso de sala de aula: o diálogo entre o instituído e o inesperado. In: SOUSA, M.E.V. **Discurso de sala de aula: as surpresas do previsível**. Tese de Doutorado. Defendida na UFPE, em março de 2000.